

## A CERÂMICA DA GANDRA — ESPOSENDE

*Armindo de Sousa*

### 1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

No Museu de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, acham-se recolhidos diversos fragmentos cerâmicos e instrumentos líticos procedentes, conforme indicação escrita, de «*Bouça do Senhor, Gandra, Esposende*». Deram entrada na instituição uns, por oferta, outros, por recolha, em Abril de 1936. Existe deles uma relação, em fichas de cadastro, que julgamos útil trasladar para aqui, nos seus próprios termos. É a seguinte:

- «1 polidor de granito. Dimensões: 148 X 80 mm. N.º de ordem: 36.01.01.
- 1 polidor de granito. Dimensões: 139 X 93 mm. N.º de ordem: 36.01.02.
- 1 machado de pedra polida. Dimensões: 178 X 64 X 54 mm. Forma trapezoidal.
- Perfil espesso em bisel simétrico. Gume curvilíneo. N.º de ordem: 36.01.03.
- 1 seixo rolado (quartzito?). Dimensões: 93 X 24 mm. Forma de dedo. Cor castanha. N.º de ordem: 36.01.04.
- 1 fragmento de pedra (?). N.º de ordem: 36.01.05.
- 1 fragmento de bordo e 1 fragmento de pança de vaso de cerâmica. Decoração incisa (tipo Penha). N.º de ordem: 36.01.06.
- 3 fragmentos de bordos e pança de um vaso. Decoração incisa (tipo Penha). N.º de ordem: 36.01.07.
- 2 fragmentos de bordo e pança de um vaso. Decoração incisa (tipo Penha). N.º de ordem: 36.01.08.
- 2 fragmentos de bordo de um vaso de cerâmica. Decoração incisa (tipo Penha). N.º de ordem: 36.01.09.
- 1 fragmento de bordo de vaso de cerâmica. Decoração incisa (tipo Penha). N.º de ordem: 36.01.10.
- 2 fragmentos de bordo de um vaso de cerâmica. Decoração incisa (tipo Penha). N.º de ordem: 36.01.11.
- 3 fragmentos de cerâmica. Decoração incisa (tipo Penha). N.º de ordem: 36.01.12.
- 34 fragmentos de cerâmica. Alguns com decoração incisa (tipo Penha). N.º de ordem: 36.01.13.
- 38 fragmentos de cerâmica lisa. N.º de ordem: 36.01.14.
- 1 polidor de grandes dimensões, de granito. N.º de ordem: 36.01.15».

O presente estudo visa analisar e divulgar os objectos cerâmicos incluídos neste rol — a *cerâmica da Gandra* — e justifica-se pelo facto de tratar-se de espólio inédito: que saibamos, apenas breves referências lhe têm sido dedicadas, em publicações de cerâmicas consideradas afins (\*).

Gandra é freguesia do Concelho de Esposende e Distrito de Braga, situada em zona baixa, plana e ampla, no litoral. Confina, pelo norte, com a paróquia de Palmeira, donde se ergue, em escarpa, o Monte Faro, até cento e oitenta e três metros de altitude, primeira culminância de extensa arriba fóssil que se prolonga, paralela ao mar, na direcção de

---

(\*) C. A. Ferreira de Almeida, *Cerâmica Castreja*, separata da *Revista de Guimarães*, Guimarães, 1975, p. 12.

Viana do Castelo. A nascente, Gandra fronteira com Gemeses, freguesia rural a que pertence o lugar de Barca do Lago, ponto tradicional de travessia do Cávado, antes da construção relativamente recente da ponte de Fão. A sul, o limite é estabelecido pelo rio — o Cávado — e, a oeste, pela vila de Esposende.

A impressão dominante que a paisagem suscita é a de uma aldeia chã, orlada de campos e pinhais, estirada pacatamente à beira-rio, no sopé do monte.

Nesta freguesia, apareceram em 1936, como dissemos, restos de cerâmica arqueológica, em local que, ao tempo, se chamava «*Bouça do Senhor*». O topónimo sugere que se tratava de zona inculta. Hoje, bouça com nome assim não existe na região, nem a generalidade dos naturais se lembra de ter nunca existido. Infere-se que tal designação pertenceria à microtoponímia da aldeia, conhecida apenas dos proprietários do terreno e dos cadastros concelhios de registo predial, como é normal no Entre-Douro-e-Minho, em que toda a nesga de solo possui o seu nome próprio: só desta forma se entende que, na freguesia da Gandra, o comum dos moradores desconheça, até de ouvir dizer, o nome «*Bouça do Senhor*». O ano de 1936 não é, com efeito, tão remoto que explique essa aparente amnésia colectiva. Como é que o topónimo passou para o ficheiro do museu é coisa que se compreende facilmente: foi o dono da bouça que ofereceu àquela instituição os primeiros artefactos do espólio <sup>(2)</sup>.

A identificação do sítio, que sempre se nos afigurou parte interessante deste estudo, depressa se revelou tarefa difícil. Foi a tenacidade e sobretudo a sorte que constituíram factores de bom sucesso. Após várias tentativas frustradas de prospecção de superfície, em diferentes áreas, e depois de muitos interrogatórios inúteis, foi-nos indicada a «*Quinta de S. Martinhoy*» como local onde a pesquisa poderia eventualmente ganhar proveito: o nosso idoso informador era sobrinho do antigo proprietário do território da actual quinta e a informação ficou a dever-se mais à evocação do tio do que à lembrança do antigo nome do terreno.

A «*Quinta de S. Martinhoy*» é uma granja recente, de exploração intensiva, completamente murada e inteiramente revolvida pela agricultura. Não mostra quaisquer sinais de possuir ou ter possuído monumentos arqueológicos — como povoado, necrópole ou outros — nem os muros das vedações e suportes revelam materiais pertencentes anteriormente a outras quaisquer estruturas. Observado, porém, meticulosamente, o solo lavrado, encontrámos, numa área restrita, cinco fragmentos de cerâmica, idêntica, na pasta e restos de decoração, àquela que se encontra no museu. Cinco fragmentos minúsculos, que, todavia, permitiram a identificação correcta e circunscrita do sítio da *Cerâmica da Gandra* — o ponto X do mapa <sup>(3)</sup>.

Este ponto é, no terreno, um pomar de tamanho reduzido, situado na parte norte da referida quinta, sensivelmente a três mil metros do mar, em linha recta, a mil e quinhentos de Barca do Lago e outros mil e quinhentos do marco geodésico plantado no alto do Monte Faro. Em coordenadas geodésicas, a 41° 32' 40" de latitude norte e 0° 23' 35" de longitude leste. A altitude média oscila na casa dos trinta metros.

<sup>(2)</sup> Cumpre evocar o seu nome — Manuel Pereira de Barros que ofereceu os dois primeiros objectos da citada relação; bem assim os nomes dos professores Mendes Correia e Santos Júnior, investigadores que recolheram os restantes artefactos do espólio da Gandra.

O Sr. Professor Santos Júnior, que contactámos pessoalmente, não pôde dar-nos notícia das circunstâncias nem da localização precisa do achado.

<sup>(3)</sup> V. Est. I.

Mineralogicamente, o ponto X inscreve-se numa zona de contacto de xistos argilosos com granito; um misto de rochas sedimentares e metamórficas silicatadas, classificáveis entre as variedades de corneanas (corneanas andaluzíticas e silicocalcárias, originadas por metamorfismo de contacto). Rochas compactas, de coloração variada (castanho-avermelhada) e grande dureza; minerogenia datável da era paleozóica, período silúrico (há quatrocentos milhões de anos aproximadamente) <sup>(4)</sup>.

Deixando de lado outras zonas vizinhas do ponto X, entendemos ser conveniente, por razões que adiante se verão, apresentar a análise mineralógica da faixa que se estende acima dos cinquenta metros (junto do sopé do Monte Faro):

Xistos argilosos com fósseis, do período ordovícico da era paleozóica. Aqui e além, depósitos de praias altas e terraços fluviais, do plio-pleistocénico. Mancha de granito, não porfiróide, de grão médio, muito extensa (desde o Faro até Belinho). No Monte Faro, e só nele, desde a base até ao cume, rochas filonianas de quartzo, ricas em volframites e scheelite. As volframites são tungstatos de manganésio e tungstatos de ferro; minérios pretos ou castanho-escuros, com risca cor de chocolate, opacos e de brilho sub-metélico. As volframites costumam andar associadas à cassiterite que é minério de estanho. A scheelite é branca, amarelada, acinzentada ou acastanhada, translúcida (e até transparente), de brilho vítrio, às vezes adamantino.

O Monte Faro está esventrado por minas e fojos de mineração, uns de profundidade, outros de superfície. Embora se trate de minas recentes de tungsténio, aliás abandonadas, não é de excluir a hipótese de aí se terem verificado, na proto-história, actividades mineiras e metalúrgicas. A prospecção de superfície que realizamos não teve o carácter sistemático que se impunha para confirmar ou invalidar a suposição. O mesmo se diga relativamente à existência ou não dum povoado proto-histórico no cimo do mesmo monte, existência que a tradição oral defende como certa <sup>(5)</sup>. De resto, toda a região é rica em lendas e vestígios arqueológicos que testemunham a ocupação humana, sem hiato, desde os tempos pré-históricos <sup>(6)</sup>.

Escreveu Leroi-Gourhan que «os objectos arqueológicos, em si mesmos, são como substantivos dum texto cujo sentido, na sua maior parte, se perderia, se não fosse esclarecido pela sintaxe que os outros elementos de informação tornam possível» <sup>(7)</sup>. Ora, os objectos cerâmicos da Gandra, dado que se nos deparam deslocados do seu contexto primitivo e visto que nem nos é possível conhecer o tipo de jazida donde foram exumados, são substantivos a que falta de todo a sintaxe; terão forçosamente de ser estudados como tais, isto é, mediante uma análise morfológica objectiva, minuciosa e completa. Só depois, por analogia ou simples conjectura, poder-se-ia aventar uma interpretação em forma de síntese definidora de cultura. Conquanto seja este, a nosso ver, o objectivo realmente aliciante da investigação arqueológica, no caso vertente, nem sequer tentaremos ensaiá-lo: ficar-nos-emos pela análise descritiva meramente

<sup>(4)</sup> C. Teixeira e A. C. Medeiros, *Carta Geológica de Portugal — Notícia Explorativa da Folha 5-C — Barcelos*, Lisboa, 1969.

<sup>(5)</sup> M. A. Falcão Machado, *Esposende — Monografia do Concelho*, Esposende, 1951, p. 11.

<sup>(6)</sup> V., entre outros, M. Sarmiento, *Dispersos*, Coimbra, 1933, pp. 153-160; A. A. Mendes Correia, *A Lusitânia Pré-Romana*, *História de Portugal*, dir. por Damião Peres, Barcelos, 1928, I vol., pp. 150 ss.; J. R. Santos Júnior, *Nova Estação Asturiense da Foz do Cávado*, *Congresso do Mundo Português*, Lisboa, I (1940), pp. 179-201.

<sup>(7)</sup> A. Leroi-Gourhan (e outros), *La Préhistoire*, Paris, 1968, p. 7.

técnica. Para este efeito, utilizaremos desenhos planificados e estilizados em ordem à leitura fácil de determinadas características, nomeadamente a da decoração cujos motivos aparecem desenvolvidos no perfil, sempre que a sequência *rítmica* deles é objectivamente identificável nos fragmentos existentes; se tal identificação for impossível ou duvidosa, colocaremos a reprodução gráfica dos motivos na posição real, mas fora dos perfis. Utilizaremos também desenhos reconstitutivos dos perfis com implantação dos fragmentos responsáveis por essa reconstituição. Por último, fotografias dos achados que consideramos mais significativos <sup>(8)</sup>.

Na análise descritiva de cada vaso, no que concerne a siglas, características, ordenação, fórmulas e conceitos, etc, seguimos de perto Marie LEENHARDT e Jean-Claude GARDIN <sup>(9)</sup>.

Diga-se ainda, como advertência prévia, que evitamos deliberadamente escrever comentários e justificações nos inventários de características relativos a cada vaso. Pretende-se que tais inventários sejam o mais objectivos e lacónicos possível. Por isso, quando entendermos oportuno comentar ou justificar, remeteremos o leitor para o capítulo «COMENTÁRIOS» mediante uma sigla maiúscula entre parêntesis curvos.

## 2. ANÁLISE DESCRITIVA

VASO N.º 1 (Ref.<sup>a</sup> do Museu: 36.01.07. Est. II, III e X).

- Tipo geral. A. Corrente — secção horizontal circular, de uma só curva; em qualquer ponto da pança. (A) B. Perfil: inferior — convexo divergente; superior — convexo convergente; ligação — por ranhura em bisel. Diâmetro de abertura: maior que o da ligação com a base. (B)
- Base. C. ... (C)
- Colo. E. Inexistente. (D)
- Lábio. F. Inflexão — nula; inclinação — quase nula; faces — convexas convergentes; extremidades — em declive para o interior; dimensões — espessura menor que a altura e maior que 4 mm.
- Asa. G.
- Bico. L.
- Pormenor. P. Nenhum. (1) Técnica. Q1. Dimensões: diâmetro da base—...; diâmetro maior — na pança, 435 mm; diâmetro da boca — 300 mm. Espessura: 8 a 9 mm. (F) Q2. Composição química da pasta: ... (G) R. Processo de fabrico: moldagem à mão. Textura: homogénea grosseira. (H) Desengordurante: silicoso — grãos de quartzo acastanhado, talhados em aresta, de diferentes dimensões. Superfície: rugosa. Dureza: raiável com ferro. (I) Cozedura: em atmosfera oxidante, a temperatura não superior a 600 graus centígrados. (J) Cor: cinzenta (Munsell 25). (L)
- Decoração. S. Em cavado — incisões com ponta. (M) Revestimento da pasta: inexistente. (N) T. Motivos: grupos de caneluras e reticulados em zona, sobre a pança. Direcção dos motivos: horizontal, na ligação pança-lábio (banda de 5 caneluras); oblíqua, na parte superior da pança (9 caneluras paralelas formando chaveirões); oblíqua cruzada (nos reticulados de enquadramento triangular).

<sup>(8)</sup> As fotografias deste trabalho foram feitas pelo Sr. Professor Carlos Alberto Ferreira de Almeida, gentileza que, agora publicamente, agradecemos. Os desenhos são do autor.

<sup>(9)</sup> M. Leenhardt, *Code pour le Classement et VÉtude des Poteries Médiévales*, Caen, 1969; J.-C. Gardin, *Project de Code pour VAnalyse des Formes de Poteries*, C. A. D. A., 1956 (policopiado).

Tipo de instalação. V.

Sepultura. (O)

Vestígios de exposição ao fogo pelo lado interno e externo.

Data. X. ... (P)

Origem. Y.

VASO N.º 2 (Ref.<sup>a</sup> do Museu: 36.01.06. Est. IV, VIU e XI.1).

Tipo geral. A. (como o vaso n.º 1).  
B. Perfil: inferior — convexo divergente; superior — convexo convergente; ligação — contínua.

Base. C.

Colo. E. (como o vaso n.º 1).

Lábio. F. (como o vaso n.º 1).

Diâmetro de abertura: maior que o da ligação com a base.

Asa. G.

Bico. L.

Pormenor. P. (como o vaso n.º 1).

Técnica. Q1. Dimensões: diâmetro da base —...; diâmetro maior — na pança, 330 mm; diâmetro da boca — 240 mm. Espessura: 6 mm.

Q2. Composição química da pasta: ...

R. (como o vaso n.º 1).

Decoração. S. (como o vaso n.º 1).

T. Motivos: (como o vaso n.º 1).

Direcção dos motivos: horizontal, na ligação pança-lábio (banda de 6 caneluras); oblíqua, na parte superior da pança (8 caneluras paralelas formando chaveirões ininterruptos); oblíqua cruzada (nos reticulados de enquadramento triangular).

Tipo de

instalação. V. (como o vaso n.º 1).

Data. X.

Origem. Y. ...

VASO N.º 3 (Ref.<sup>a</sup> do Museu: 36.01.08. Est. V, VII.2 e XI.2).

Tipo geral. A. (como o vaso n.º 1).

Pança. B. (como o vaso n.º 2).

Base. C.

Colo. E. (como o vaso n.º 1).

Lábio. F. (como o vaso n.º 1).

Asa. G.

Bico. L. ...

Pormenor. P. (como o vaso n.º 1).

Técnica. Q1. Dimensões: diâmetro da base—...; diâmetro maior — na pança, 178 mm; diâmetro da boca —162 mm. Espessura: 6 mm. Q2. ... R. (como o vaso n.º 1).

Cor: cinzento-rosado sujo (Munsell 6).

Decoração. S. (como o vaso n.º 1).

T. Motivos: caneluras e reticulados em zona (vários grupos), sobre a pança, e caneluras isoladas sobre a pança.

Direcção dos motivos: horizontal, na ligação pança-lábio (banda de 5 caneluras); vertical, na pança (caneluras simples, dividindo zonas rectangulares com larguras alternadamente iguais — 25 mm/30 mm/25 mm/30 mm etc); oblíqua cruzada (nos reticulados de enquadramento rectangular).

Tipo de instalação. V. (como o vaso n.º 1).

Data. X.

Origem. Y.

VASO N.º 4 (Ref.<sup>a</sup> do Museu: 36.01.10. Est. VI, VII.3 e X.2).

Tipo geral.	À.	(como o vaso n.º 1).
Pança.	B.	(como o vaso n.º 1, excepto ligação — ...).
Base.	C.	
Colo.	E.	(como o vaso n.º 1).
Lábio	F.	(como o vaso n.º 1).
Asa.	G.	
Bico.	L.	
Pormenor.	P.	(como o vaso n.º 1).
Técnica.	Q1.	Dimensões: diâmetro da base — ...; diâmetro maior — na pança,...; diâmetro da boca — 220 mm. Espessura: 8 mm.
	Q2.	Composição química da pasta: ...
	R.	(como o vaso n.º 1). Cor: 'bege' (Munsell 26).
Decoração.	S.	(como o vaso n.º 1).
	T.	(como o vaso n.º 1, excepto o número de caneluras oblíquas —...).
Tipo de instalação.	V.	(como o vaso n.º 1).
Data.	X.	
Origem.	Y.	...

VASO N.º 5 (Ref.<sup>a</sup> do Museu: 36.01.09. Est. VIII. 1, IX. 1 e XI.1).

Tipo geral.	A.	(como o vaso n.º 1).
Pança.	B.	(como o vaso n.º 2).
Base.	C.	...
Colo.	E.	(como o vaso n.º 1).
Lábio.	F.	(como o vaso n.º 1. Inclinação mais acentuada).
Asa.	G.	...
Bico.	L.	...
Pormenor.	P.	(como o vaso n.º 1).
Técnica.	Q1.	Dimensões: diâmetro da base — ...; diâmetro maior — na pança, 263 mm; diâmetro da boca — 260 mm. Espessura: 7 mm.
	Q2.	Composição química da pasta: ...
	R.	(como o vaso n.º 1).
Decoração.	S.	(como o vaso n.º 1).
	T.	Motivos: (como o vaso n.º 1). Direcção dos motivos: horizontal, na ligação pança-lábio (banda de 5 caneluras com perfil em SS); vertical, na pança (n caneluras paralelas, de perfil em SS, em enquadramento rectangular); oblíqua, na pança (n caneluras dispostas em espinha).
Tipo de instalação.	V.	(como o vaso n.º 1).
Data.	X.	...
Origem.	Y.	...

VASO N.º 6 (Ref.<sup>a</sup> do Museu: 36.01.11. Est. VIII.2, IX.2 e XI.1).

Tipo geral.	A.	(como o vaso n.º 1).
Pança.	B.	Diâmetro de abertura: maior que o da ligação com a base. Perfil: inferior — ...; superior — côncavo divergente; ligação — ...
Base.	C.	
Colo.	E.	(como o vaso n.º 1).
Lábio.	F.	(como o vaso n.º 1. Inclinação muito acentuada).
Asa.	G.	
Bico.	L.	...
Pormenor.	P.	(como o vaso n.º 1). Técnica.
— ...; diâmetro da pança — 212 mm;	Q1.	Dimensões: diâmetro da base
diâmetro da boca — 238 mm.	Q2.	diâmetro da boca — 238 mm.
Espessura: 6 mm.		Composição química da pasta: ...

R. (como o vaso n.º 1).  
 Cor: (como o vaso n.º 3). Decoração.  
 S. (como o vaso n.º 1). T. (como o vaso  
 n.º 5). Tipo de instalação. V. (como o vaso  
 n.º 1). Vestígios de exposição ao fogo somente pelo lado interno.  
 Data. X.  
 Origem. Y.

#### CONJUNTO DE FRAGMENTOS N.º 1. (Est. IX, 3 a 8 e XII.1).

3. Características R, S, T e V semelhantes às do vaso n.º 2.
4. Características R, S e V semelhantes às do vaso n.º 2.
5. Características R, S, T e V semelhantes às do vaso n.º 5. No que se refere a T, este fragmento apresenta reticulados que, todavia, não excluem a possibilidade de se tratar de peça pertencente ao vaso referido.
6. Características R, S, T e V semelhantes às do vaso n.º 2.
7. Características R, S, T e V semelhantes às do vaso n.º 2.
8. Características R, S, T e V semelhantes às do vaso n.º 2.

#### CONJUNTO DE FRAGMENTOS N.º 2. (Est. IX, 9 a 19 e XII.2).

9. 10. 11. e 12. Características R, S e V semelhantes às do vaso n.º 2; característica T semelhante talvez às do vaso n.º 3.
13. Características R, S, T e V semelhantes às do vaso n.º 1.
14. e 15. Características R, S, T e V semelhantes às do vaso n.º 6.
16. e 17. Características R, S, T e V semelhantes às do vaso n.º 2 (parte inferior da pança desconhecida).
18. e 19. Características R, T e V semelhantes às do vaso n.º 6; característica S — em cavado (incisões com ponta em «língua de carpa»).

#### CONJUNTO DE FRAGMENTOS N.º 3. (Est. XII, 3).

1. Característica R como a do vaso n.º 1. Fragmento de calota esferóide com 25 mm de flecha e raio de 290 mm. (Q)
2. e 4. Característica R como a do vaso n.º 6.
3. Característica R como a do vaso n.º 3. (R)

### 3. COMENTÁRIOS

- (A) A característica 'A' (Tipo geral) é um mero índice de análise, sem qualquer significado tipológico. O tipo geral de todos os vasos da Gandra é o corrente — secção horizontal circular. Não se trata, é certo, de círculo regular, dado que o oleiro trabalhou sem ajuda de torno; se a inabilidade o traiu, a sua intenção está bem patente nos artefactos, tornando-se, por conseguinte, significativa em termos de análise.
- (B) A base é desconhecida por falta de dados. (Sempre que se verifique falta de dados, colocamos no inventário das características o sinal de reticências.) Sendo a base desconhecida, a ligação pança-base é-o também e, *a fortiori*, o diâmetro dessa secção. Por isso, nem sequer mencionamos estes elementos no rol das características. Não obstante estas limitações, escrevemos que «o diâmetro da abertura da pança é maior que o da ligação com a base». Esta afirmação justifica-se pela convenção, segundo a qual, nos vasos de fundo redondo, a altura

da base, seja qual for, não pode exceder um quarto da altura da pança (<sup>10</sup>). Dada esta convenção e a linha conhecida do perfil, foi-nos possível esboçar desenhos da forma geral de alguns dos vasos, sob condição — como é óbvio — e, por isso, em tracejado. Na nota seguinte mostramos que os vasos da Gandra são de fundo redondo.

- (C) Desconhecemos a base, mas sabemos que é redonda, provavelmente esférica. De todos os fragmentos conhecidos nenhum indigita outra conclusão e todos parecem testemunhar esta. Com efeito, não há fragmentos rigorosamente planos entre os decorados e os lisos de maiores dimensões (os fragmentos minúsculos não aprovam nem desmentem). Não há qualquer vestígio de pé; pelo contrário, alguns cacos lisos ostentam calota, tendo até um deles permitido calcular o valor da flecha — 25 mm. Em suma, havendo restos de lábio e de pança em certa quantidade e nenhum dum hipotético fundo não redondo, somos compelidos a concluir que os fundos eram redondos em todos os vasos.
- (D) «Colo inexistente». Seguimos a doutrina de Marie Leenhardt, exposta nos seguintes termos: «quando a altura da pança é menor que o seu diâmetro de abertura e a altura do bordo é inferior a um décimo da altura da pança, o bordo é lábio» O<sup>1</sup>); nestas condições, não há lugar para colo. Os vasos da Gandra estão precisamente nestas condições.
- (E) Pormenores seriam, por exemplo, um buraco isolado, perfurações múltiplas, engenhos de sustentação, escoadouros, etc.
- (F) A espessura das paredes dos vasos foi medida na parte média da zona superior da pança, exactamente no lugar assinalado nos desenhos pelas letras BC (<sup>12</sup>).
- (G) A composição química da pasta é-nos desconhecida por não havermos tido acesso a laboratório que realizasse a análise. Trata-se de lacuna inviabilizadora do curso de certas hipóteses dotadas de interesse: por exemplo, as que se prendem com a determinação da origem desta cerâmica.
- (H) A observação patenteia o carácter grosseiro desta loiça: argila, elementos vegetais e desgordurantes minerais de diversa natureza e diferentes tamanhos distribuem-se em proporções iguais por todas as secções. É impressiva a abundância de grãos de quartzo, que chegam a atingir os 2 mm de perfil, em abundantes casos. Estes grãos são acastanhados, às vezes rosados e adamantinos, e nada repugna que a rocha-mãe seja os filões do Monte Faro: como lemos no 1.º capítulo, as cores condizem. Esta suposição recebe, aliás, algum outro vigor, quando, à lupa binocular, verificamos a presença de corpúsculos ferruginosos pegados ao quartzo. Os grãos são todos talhados em aresta. Significa isto que o oleiro preparava o desgordurante de propósito para a pasta ou que a argila trazia assim esses grãos como próprios da sua constituição. Na segunda alternativa, tornar-se-ia possível identificar o sítio da barreira e, com isso, o local

(<sup>w</sup>) ML Leenhardt, o. c. e J.-C. Gardin, o. c.  
 (11) O. c. Introduction, cap.º E e Signes, E (Convention).  
 (12) V. Ésts. II, IV, V, VI, VIII.

da olaria: sítio de afloramentos de rochas quartzosas, sujeitas a erosão intensa e fácil, com sedimentação muito rápida. Sem uma análise química da composição das pastas, capaz de separar os elementos 'naturais' da argila dos elementos acrescentados pelo oleiro, quaisquer considerações não passam de exercício académico.

- (I) «Raiável com ferro». Este processo de estabelecer o grau de dureza das loiças, emprestado da escala de Mohs, instituída para os metais, não é, como se deixa ver, um processo adequado. Será contudo, e enquanto não for inventado melhor, o mais objectivo. As pastas dos cacos da Gandra riscam com ferro e não com a unha (que é a medida imediatamente inferior na metodologia proposta por Marie Leenhardt)<sup>(13)</sup>. Poderão pois considerar-se pastas duras? Parece-nos que não, se, por pastas duras, se entender cerâmicas bem cozidas, a elevado grau de temperatura. A resistência à raia por parte da cerâmica da Gandra deve-se à sua textura e só é verdadeira na superfície dos vasos; em secção, no seu interior, as pastas quase se esfarelam.
- (J) Esta conclusão é empírica e não científica. Condiz de resto com a doutrina vulgarizada acerca da cozedura das cerâmicas proto-históricas<sup>(14)</sup>.
- (L) A cor da pasta foi observada em secção e expressa segundo a Tabela de Munsell.
- (M) «Incisões com ponta». É possível determinar os tipos de pontas utilizadas<sup>(15)</sup>:
- No vaso n.º 1 — ponta aguda e romba; No vaso n.º 2 — ponta aguda; No vaso n.º 3 — ponta aguda e romba; No vaso n.º 4 — ponta aguda; No vaso n.º 5 — ponta em «língua de víbora»; No vaso n.º 6 — ponta aguda e romba.
- O «ductus» da execução é também susceptível de identificação. Assim:
- Vasos n.º 1 e n.º 2: primeiro, incisões profundas horizontais; segundo, incisões profundas oblíquas da pança; terceiro, as leves incisões dos reticulados, começando pela esquerda-cima para a direita-baixo e terminando com as linhas que cruzam com estas, lançadas no sentido inverso. (Ver as respectivas fotografias. Os fragmentos, nas fotografias, aparecem 'desorientados\* precisamente para que estes pormenores e os que dizem respeito às pontas utilizadas se tornem legíveis, graças a uma diferenciada exposição à luz dos cacos procedentes do mesmo vaso).
- Vaso n.º 3: o 'artista' parece ter esboçado todo o desenho com ponta fina e, depois, avivado, com ponta romba, as linhas horizontais e verticais. Os traços dos reticulados, lançados segundo o mesmo 'ductus' dos dois primeiros vasos, apresentam manifesta sequência

<sup>(13)</sup> O. c., Introduction, cap.º R.

<sup>(14)</sup> V., por exemplo, J.-P. Millotte, *Précis de Protohistoire Européenne*, Paris, 1970, pp. 178 ss.

<sup>(15)</sup> As designações dos tipos de pontas, que a seguir se referem, foram emprestadas de A. Leroi-Gourhan, o. c., p. 270, que as estabeleceu para matéria óssea. No caso vertente, interessa remeter somente a forma.

de rectângulo para rectângulo. Assim, numa primeira fase, a pança deste vaso ficou ornada exclusivamente de reticulados; numa segunda, o oleiro impôs ao conjunto plástico um 'ritmo' binário mediante a separação em campos de dois tamanhos, repetidos alternadamente. Desta forma e não obstante a pobreza de motivos, foi possível quebrar a sensação de monotonia. De resto, considerando o processo de fabrico, o carácter grosseiro da textura da pasta e a abundância e natureza e tamanho dos elementos desengordurantes, dificilmente poderiam ser ensaiados outros motivos ou conseguir melhores efeitos plásticos com os motivos ensaiados.

- (N) O aspecto brunido dos fragmentos que se acham em exposição no museu deve-se a processos actuais de conservação; não é, portanto, o autêntico.
- (O) A morfologia do local do achado, a reduzida quantidade de fragmentos, os vestígios de exposição ao fogo, os instrumentos líticos associados (semelhantes aos que aparecem em dólmenes e cistas)^ a inexistência no lugar de restos de estruturas arquitectónicas, tudo isto leva-nos a pensar que o «tipo de instalação» era uma ou várias sepulturas <sup>(16)</sup>.
- (P) A data é desconhecida. O facto de se tratar duma cerâmica que, sem dúvida, se filia no mesmo horizonte cultural daquela que correntemente se designa de tipo Penha, tal facto não consegue resolver o problema da data <sup>(17)</sup>. Aguardemos que a curto prazo escavações em curso venham iluminar a questão <sup>(18)</sup>.
- (Q) «Calota esferóide com 25 mm de flecha e raio de 290 mm». Estes valores são, como é óbvio, aproximados, ou, melhor, traduzem a média dos resultados numéricos obtidos em reiterados ensaios com esferómetro. Associados às características R que o fragmento possui, levam-nos a admitir que estamos perante um resto de fundo do vaso n.º 1. Existem ainda outros fragmentos convexos que poderiam constituir parcelas doutros tantos fundos, mas o seu tamanho reduzido impede a obtenção do teor da curvatura.
- (R) Para além dos restos de cerâmica estudados, existem ainda mais cinquenta e um, todos destituídos de sinais decorativos. Tendo em conta as características R, podemos agrupá-los nos seguintes conjuntos:  
 Como o vaso n.º 1 (e 2 e 5) — 30;  
 Como o vaso n.º 3 — 7; Como o vaso  
 n.º 4 — 5; Como o vaso n.º 6 — 9.  
 Estes fragmentos são, em geral, de reduzidas dimensões; não bastariam todos juntos para reconstituir um vaso do tamanho do n.º 2.

<sup>(16)</sup> O solo foi revolido em profundidade pelo ano de 1973 e, segundo informação do proprietário, nada de estranho apareceu.

<sup>(17)</sup> V. C. A. Ferreira de Almeida, o. a; e M. Cardozo, A Estação Prehistórica da Serra da Penha (Guimarães), *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, Coimbra*, 1971, I, pp. 239-259. O segundo autor, a pp. 257, aponta como data absoluta (c. 14) de alguns achados daquela estação 930 a.C. Tal datação, porém, não pode ser atribuída sem reservas à cerâmica de tipo Penha aí encontradas, visto que ela não apareceu em associação estratigráfica com os objectos sujeitos às análises de radiocarbono.

<sup>(18)</sup> Referimo-nos a trabalhos em curso, dirigidos por docentes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, nomeadamente as dras. Suzana de Oliveira Jorge e Teresa Soeiro, em estações que deram cerâmica deste tipo, como a de Mairós, em Chaves.

#### 4. CONCLUSÃO

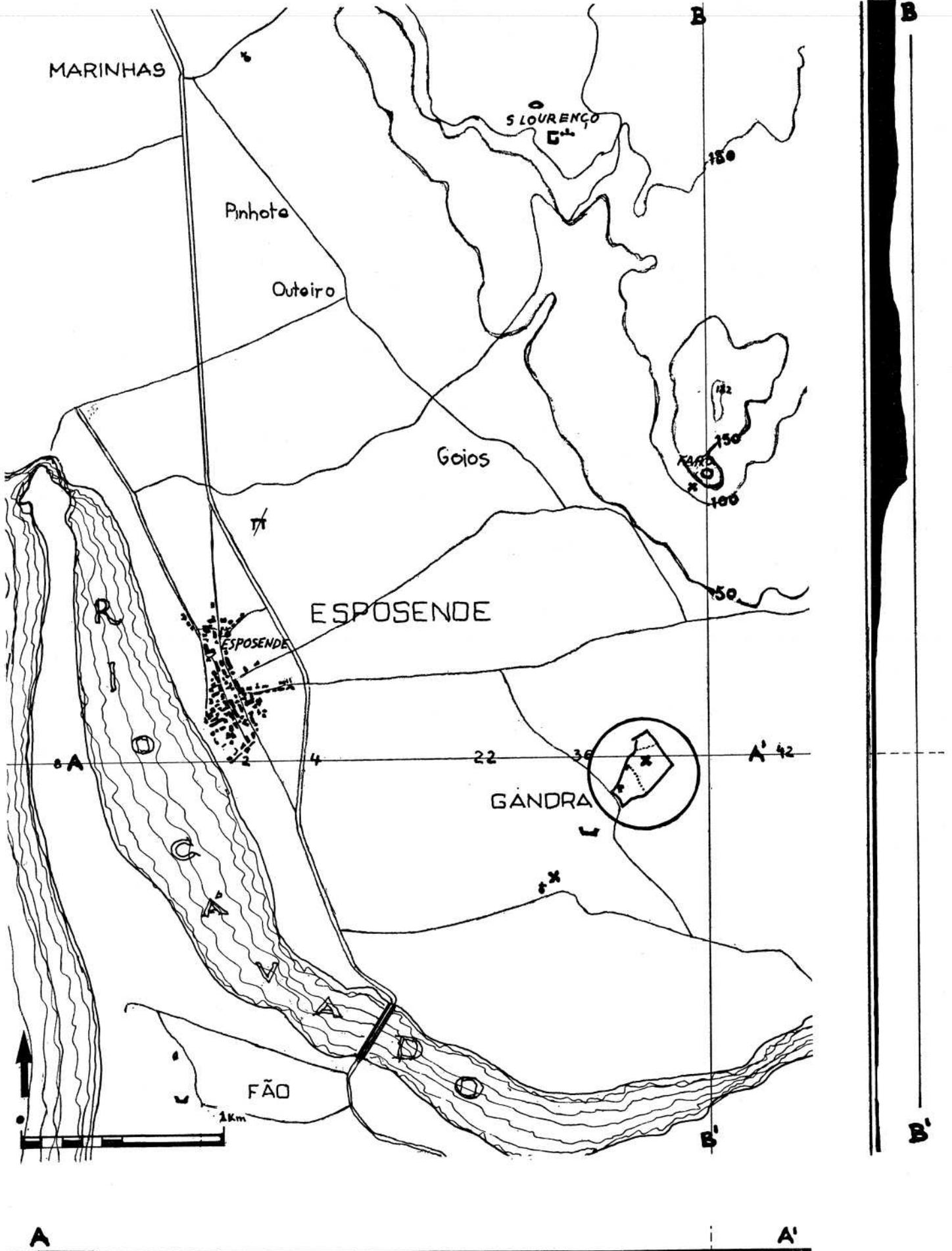
O espólio cerâmico da Gandra, após a análise concluída, leva-nos a admitir a totalidade de, pelo menos, sete vasos: os seis cujos perfis, embora incompletos, levantamos e mais outro testemunhado no fragmento h.º 4 do conjunto n.º 1. Com efeito, este fragmento ostenta aparentemente decoração semelhante à do vaso n.º 3 mas a cor e espessura diferem substancialmente, sendo mais consentâneas com as do vaso n.º 2. Daqueles seis vasos, os cinco primeiros têm um acentuado «ar de família» que lhes é outorgado, sem prejuízo das diferenças de tamanho, não só pelo programa decorativo, como, sobretudo, pela linha de perfil que une o lábio à pança e pelo desenho esferoidal desta. A estas características escapa o vaso n.º 6, que se adivinha campaniforme; é o único em que seguramente o diâmetro da boca é maior que o diâmetro da pança, embora, no resto, comungue dos distintivos gerais do conjunto.

Em suma, se quiséssemos determinar o vaso típico da Gandra, a partir do somatório das características inventariadas, apresentaríamos um indivíduo com a forma e dimensões do vaso n.º 3 e a decoração do vaso n.º 1. Isto é, teríamos um exemplar cuja ficha sinalética mostraria um teor aproximado da que fosse elaborada para qualquer dos dois vasos expostos no Museu Martins Sarmiento de Guimarães, tidos habitualmente como paradigmas da cerâmica de tipo Penha <sup>(17)</sup>. A cerâmica da Gandra filia-se na mesma tradição cultural.

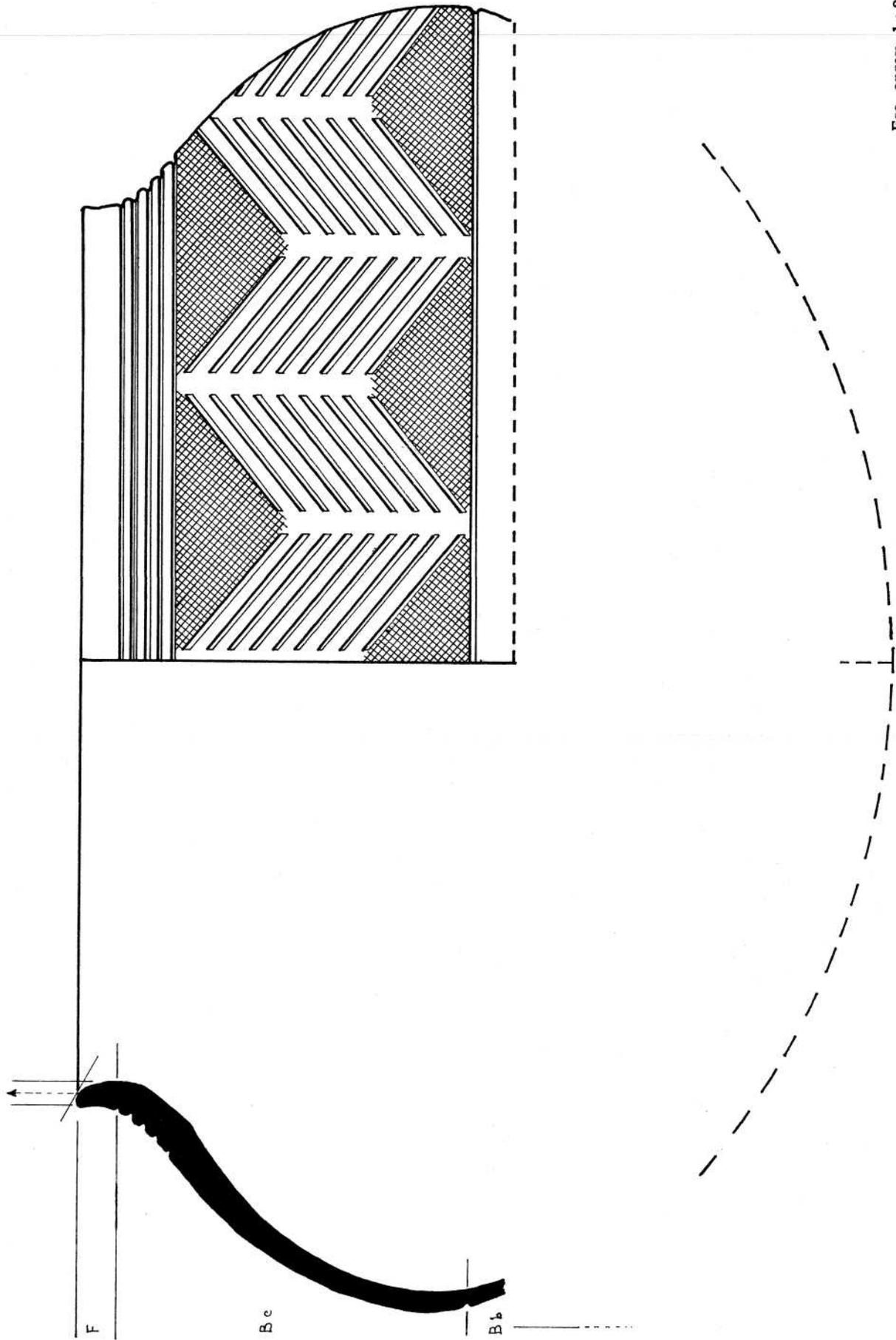
---

<sup>(17)</sup> Estes vasos foram divulgados por M. Cardozo, o. c. e, aí, reproduzidos fotograficamente.

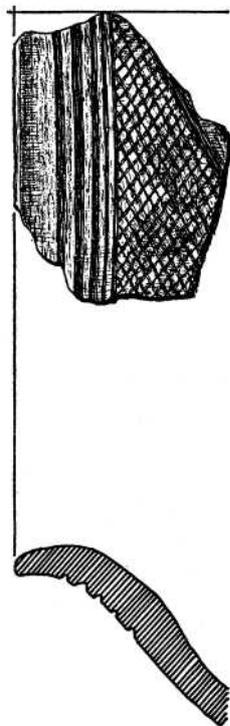
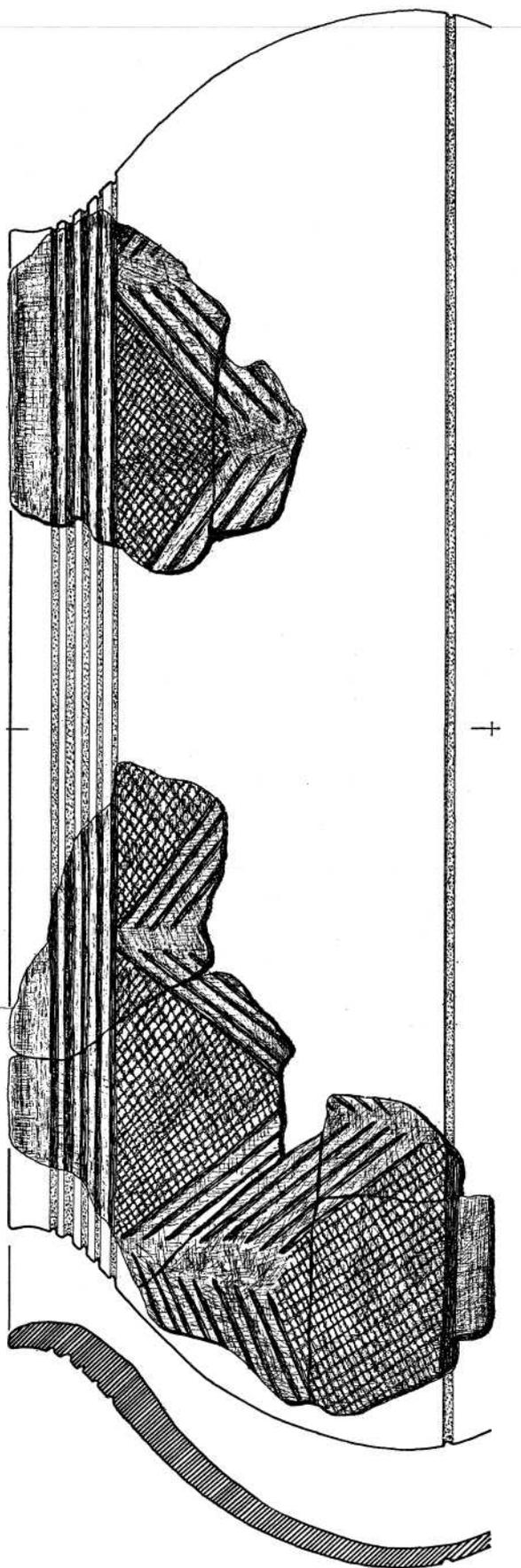
# Mapa e Perfis



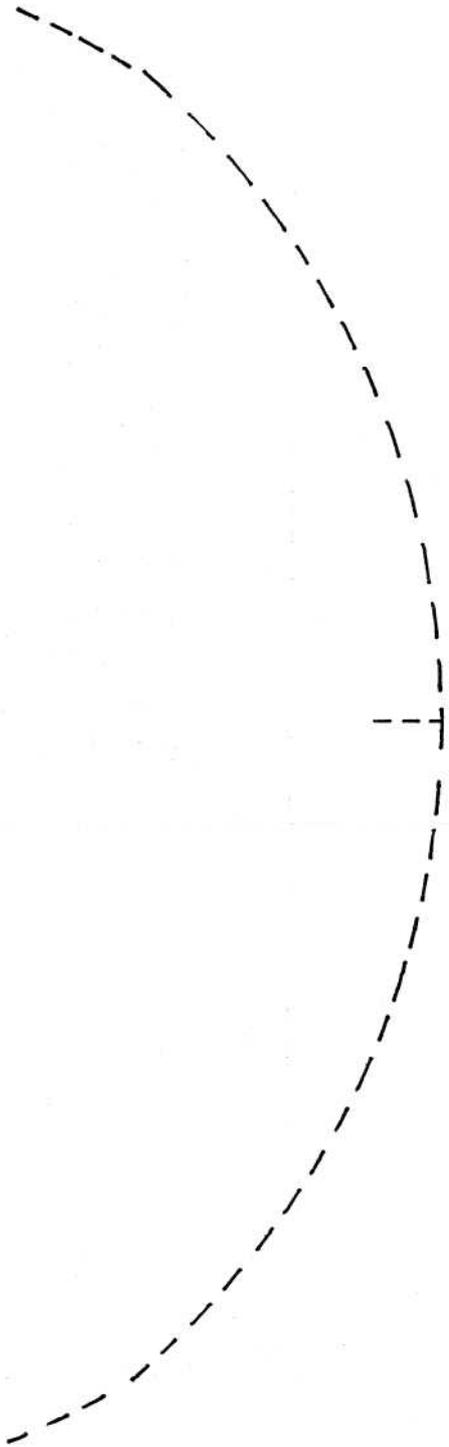
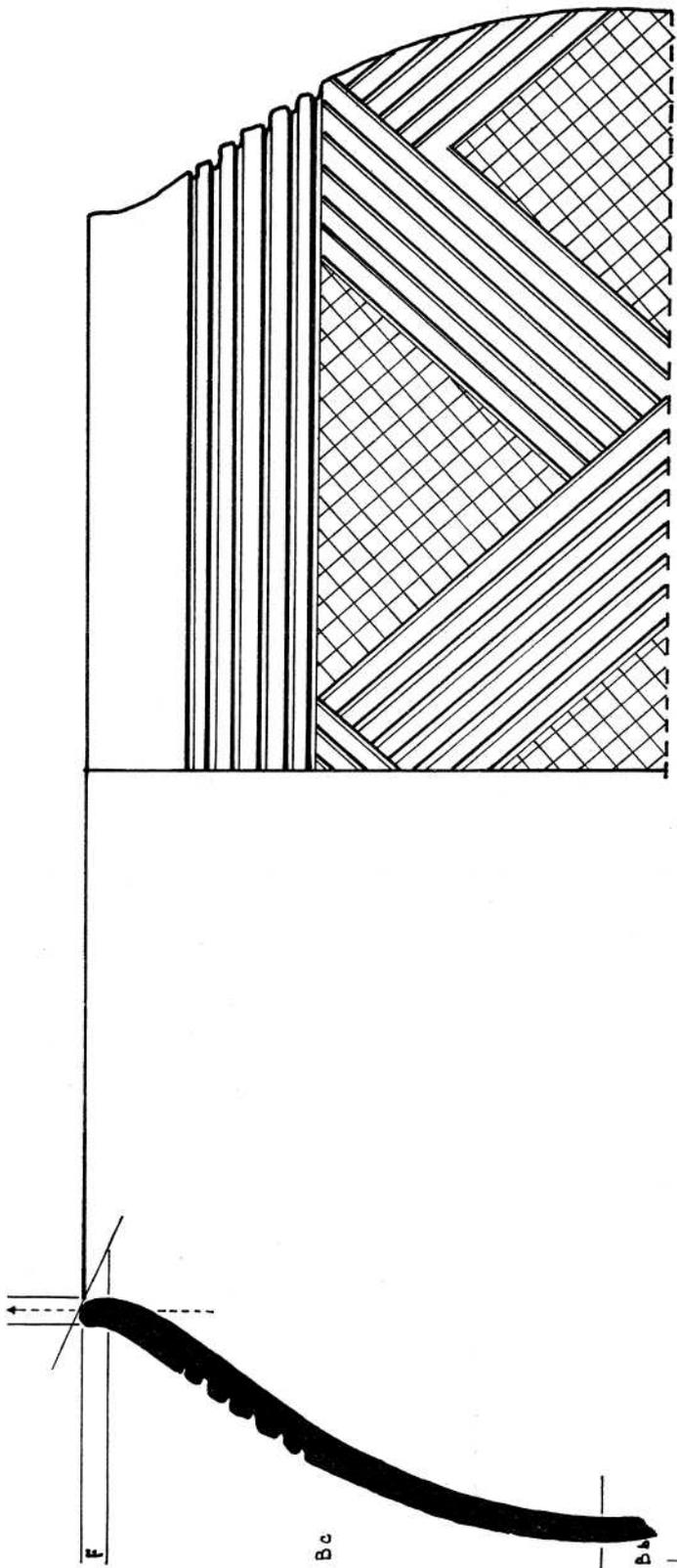
Est. n



Esc. aprox. 1 : 2

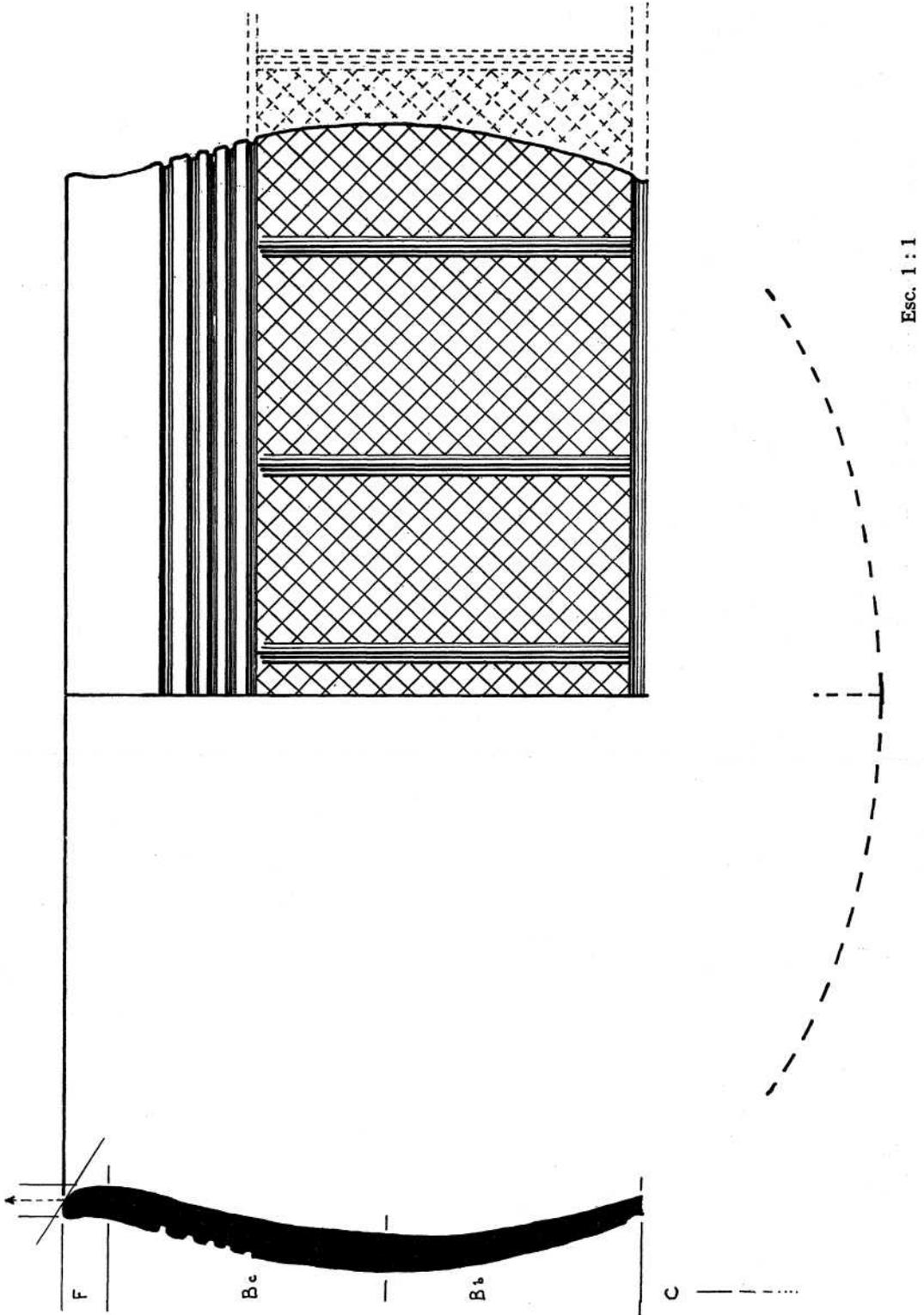


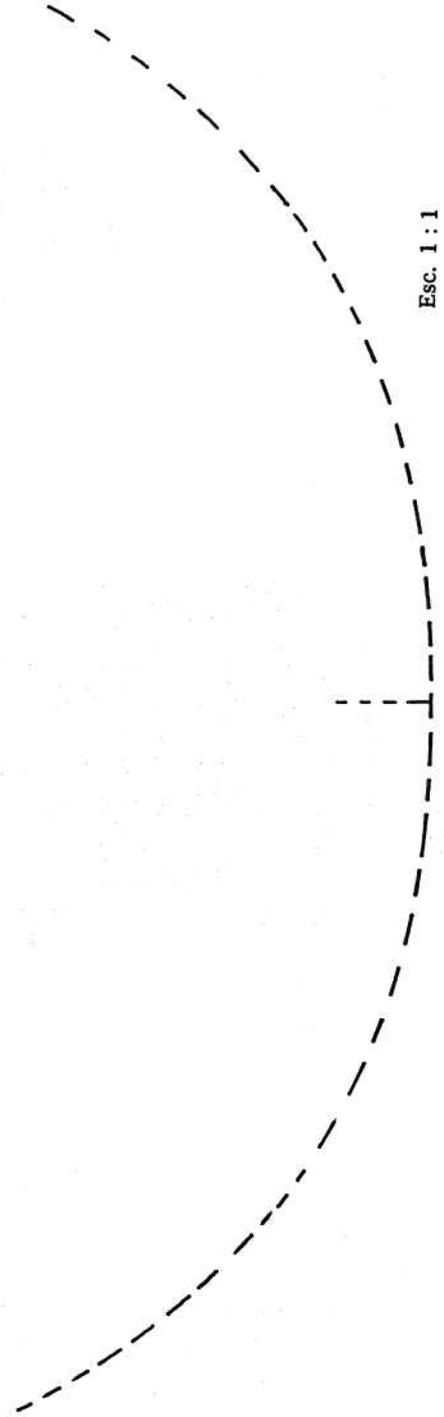
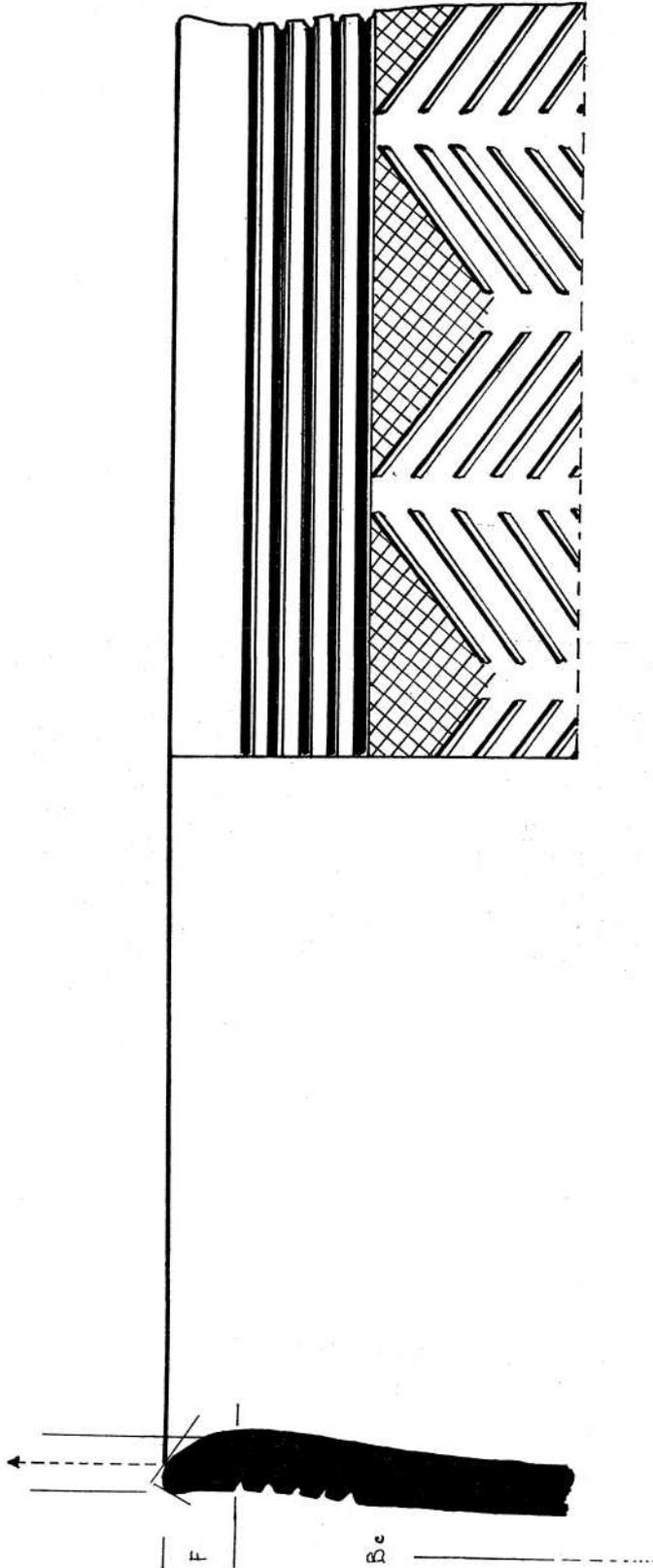
Esc. I : 2

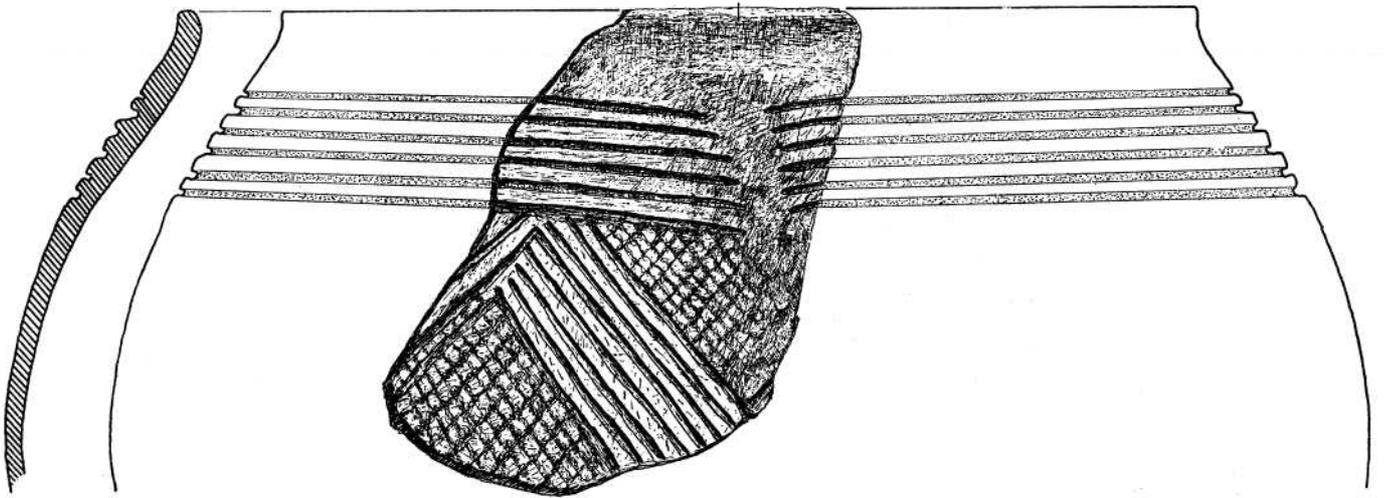


Esc. aprox. 2 : 3

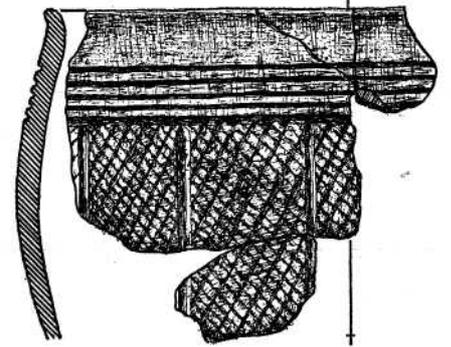
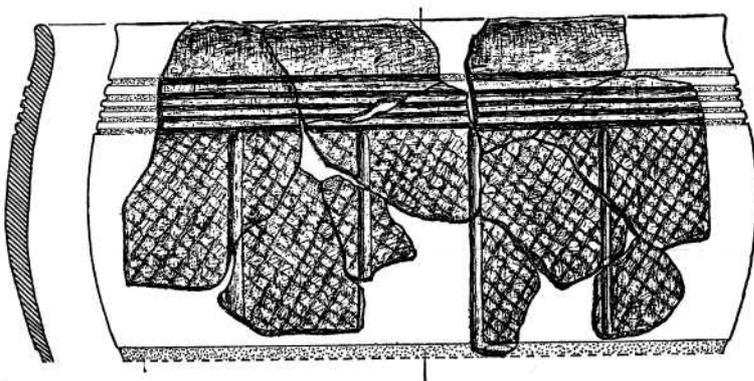
Est. V



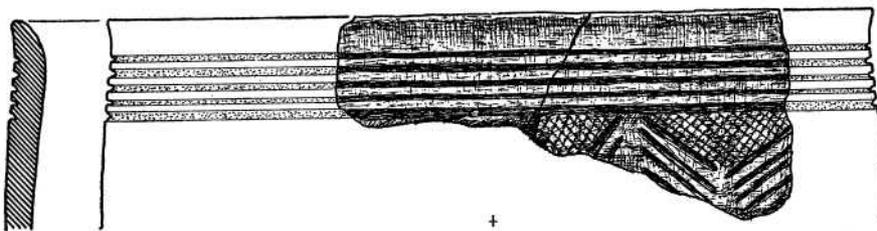




1

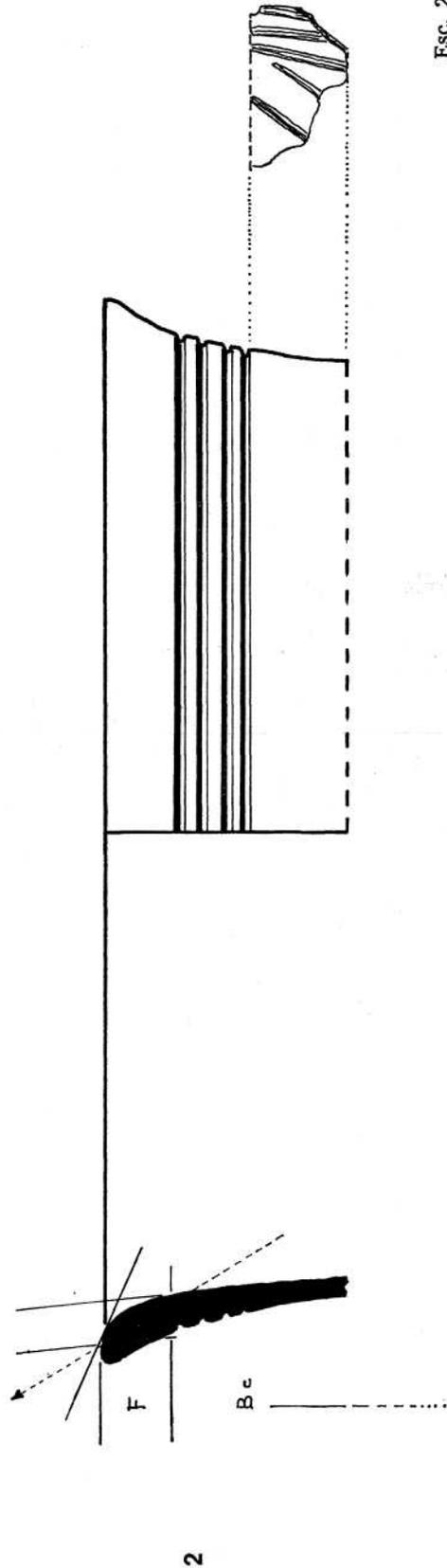
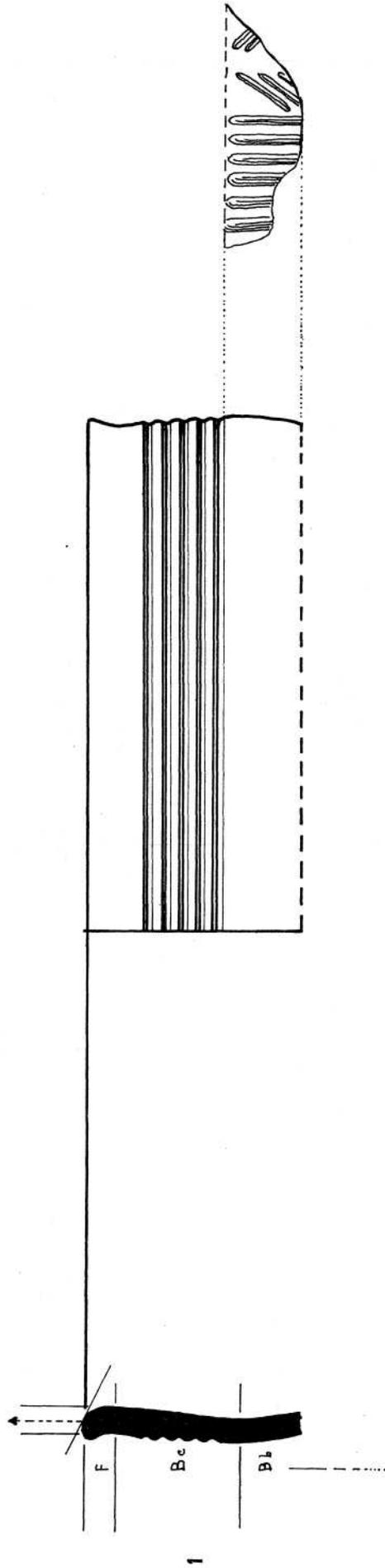


2

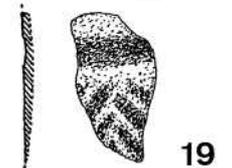
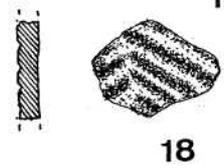
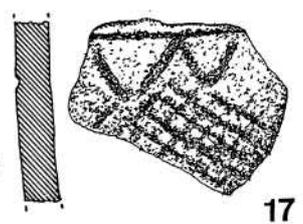
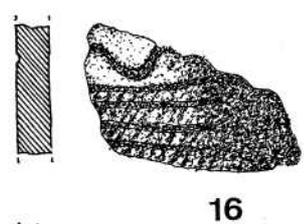
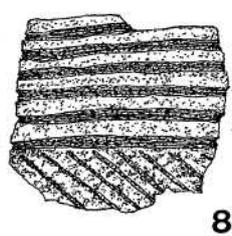
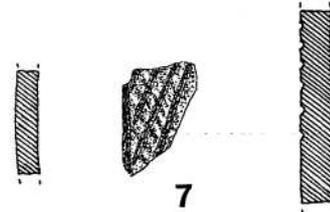
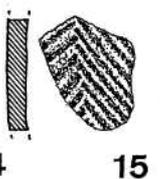
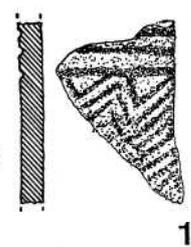
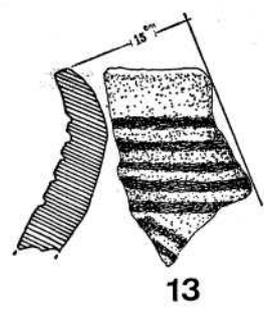
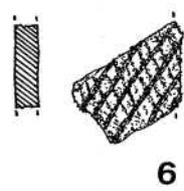
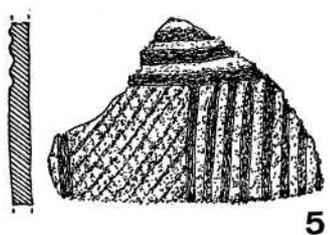
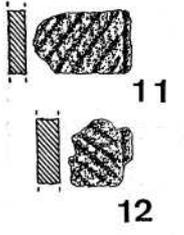
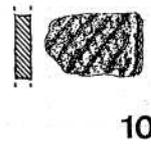
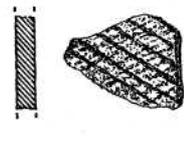
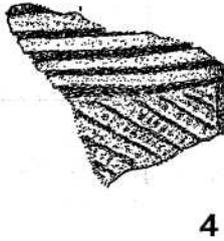
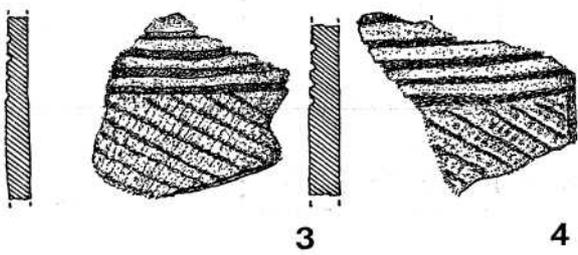
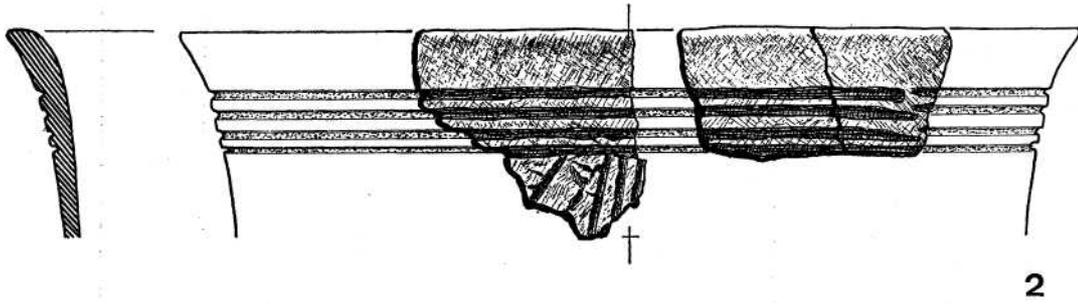
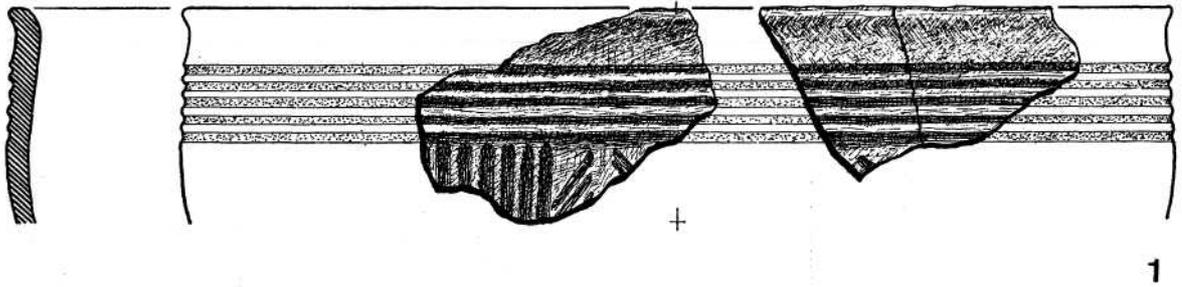


3

Esc. 1 : 2



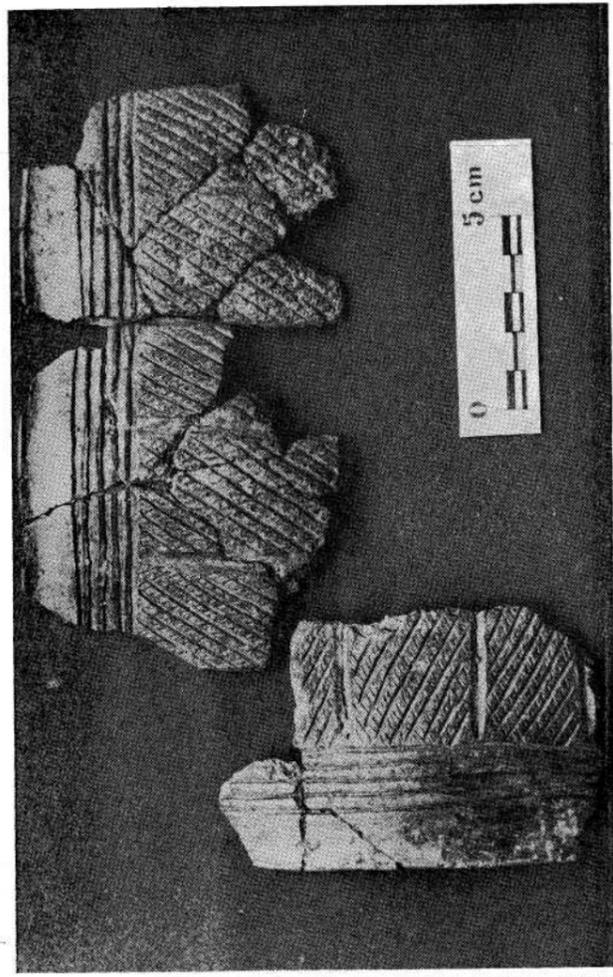
Esc. 2 : 3



Est. XI

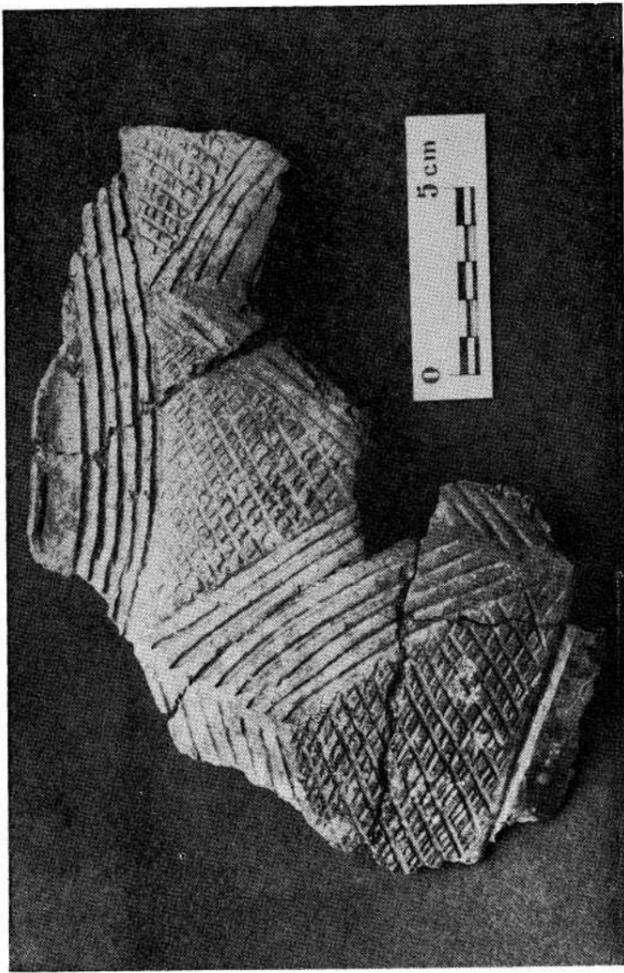


1



2

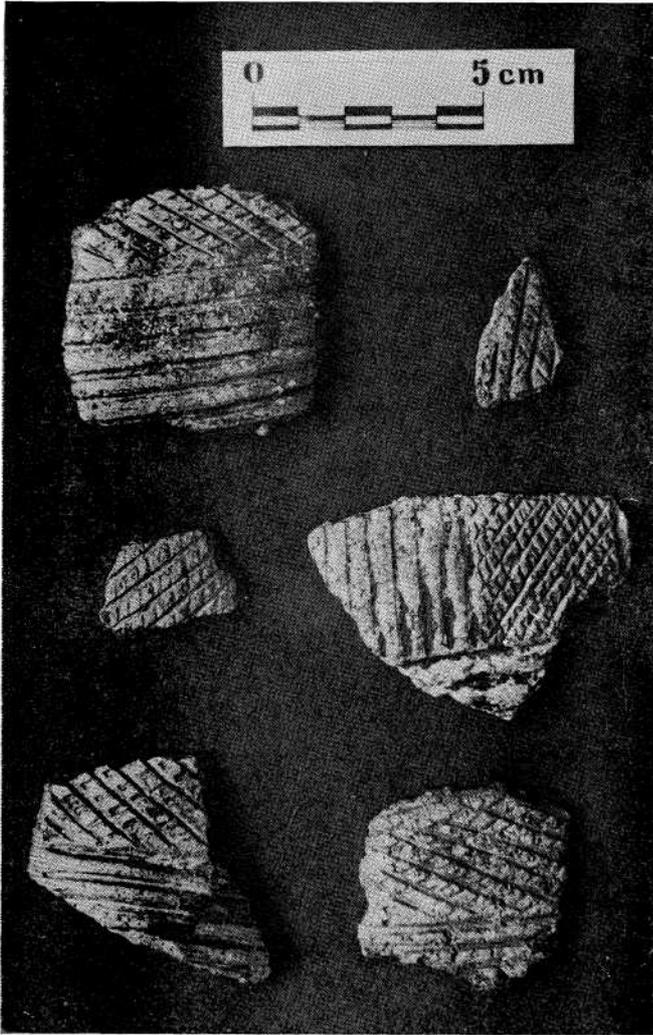
Est. X



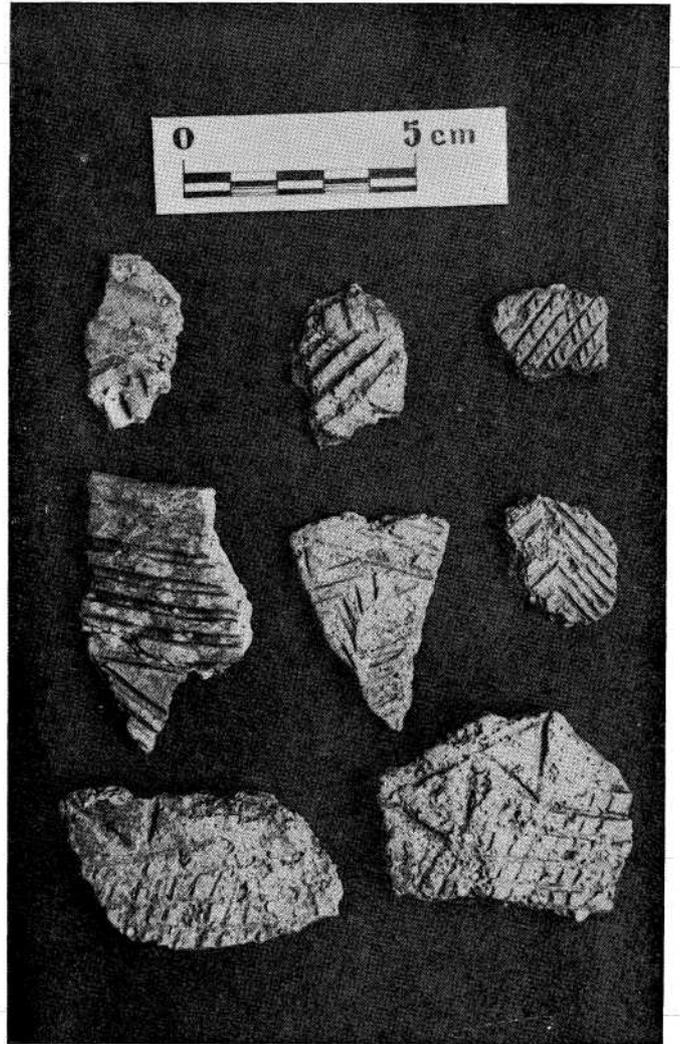
1



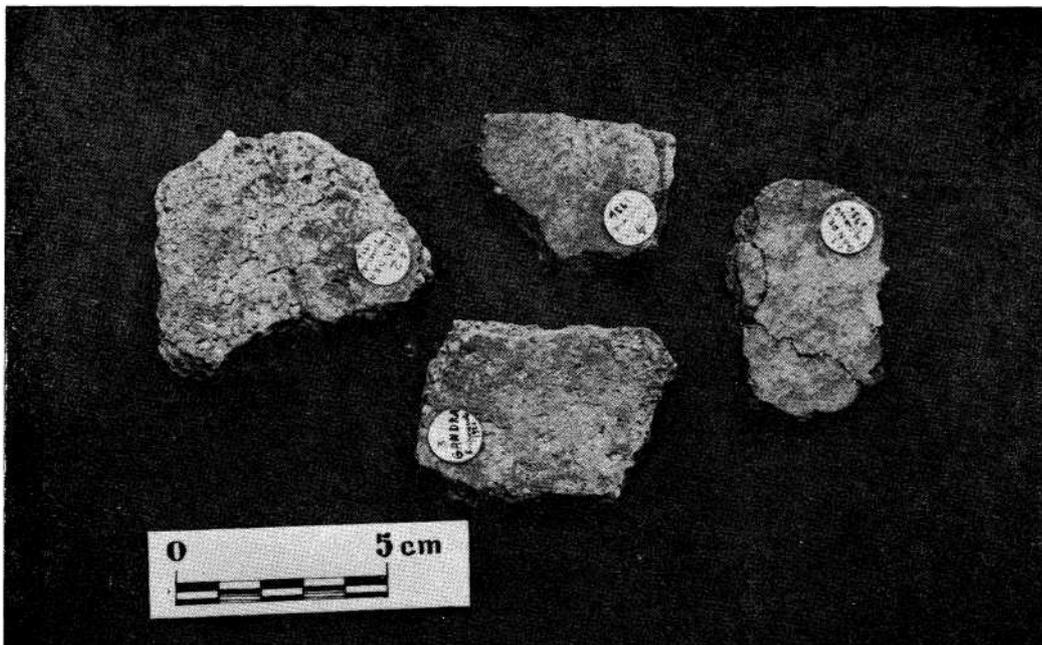
2



1



2



3

